

Florianopolis

Santa Catharina

NOVEMBRO  
MCMXX

# TERRA

ANNO I  
NUMERO 20

— Revista semanal —



Lionel Barrymore e Doris Rankin no film A SERPENTE, da Paramount.



Publicada sob a direção e responsabilidade de

*Othon d'Eça*  
*Allino Flores*  
*Ico d'Aquino*

Secretario:

*Oswaldo Mello*

—\*—

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada a:

REDACÇÃO DA

# TERRA

Rua Visconde de  
Ouro Preto  
No. 1

—\*—

Officinas graphicas

DA

“Republica,”

Rua João Pinto  
n. 16

# • Terra •

Acceptamos collaboração de qualquer parte do Estado e de fóra, desde que não seja longa, nem escripta em orthographia phonetica.

Das correspondencias dos municipios, que nos quiserem enviar, reservamos o direito de aproveitá-las no que acharmos interessante.

Publicaremos reclamações em cartas, desde que sejam breves, assignadas e em termos convenientes.

Não temos «Secção Livre».

## Assignaturas

Anno . . . . .	10\$000
Semestre . . . . .	6\$000
Numero avulso . . . . .	200 rs.

### ANNUNCIO

	1 pagina	1/2 pagina	1/4 de pagina
12 vezes	480\$000	250\$000	145\$000
8 .	325\$000	176\$000	90\$000
4 .	165\$000	90\$000	50\$000
2 .	85\$000	45\$000	25\$000



# Terra



— REVISTA SEMANAL CATHARINENSE —

## A literatura em Santa Catharina

Como recordação e homenagem ao consagrado prosador que é Diniz Junior, publicamos hoje o artigo seguinte, que, com o título *A literatura em Santa Catharina (uma palestra com João do Rio)*, foi publicado na *Gazeta de Noticias* de 23-8-912.

João do Rio é affabilissimo...

— Como vai V.?... Pela carta que me enviou, está aqui por ver o patricio illustre, do «Exterior»...

— Antigas promessas, meu amigo. Mas não falemos nisto. O Sr. Lauro está com o cyclo das suas conquistas quasi completo. Mais um pouco, e não ha maiores alturas á convergencia das suas aspirações... Os catharinenses, ahi, já se não devem preoccupar com preparar processos, por assegurar as glorias do seu egregio irmão... Com este, não são necessarios cuidados assustados, já tocou as raias do seu sonho...

— Mas... e a carta?... Eu li, no que V. escreveu...

Exacto, meu grande e insigne amigo. Vira ao Rio, effectivamente, arranjar negocios que affectam aos meus interesses; estou á mercê da politica da minha terra, em que, infelizmente, metti a ponta do dedo... Não imagina V., não, pôde imaginar o que seja, portas a dentro, a vida politica numa provincia, em contacto com o eleitor e as mesas eleitoraes. Tenho boas notas para um trabalho que publicarei, sobre os politicos catharinenses e os actos por elles praticados, nestes vinte e poucos atropellantes

anos de existencia liberal!... Nada de escandalo... umas paginas geladas, como as de estatistica... Mas eu quero falar-lhe a respeito de assumpto menos desagradavel. Trago, para entregar-lhe, a sorte de uma geração inteira de mentaes...

Safa! V. está louco... A provincia, pelo que vejo, provoca ainda uma nova modalidade de psychoses... Deu então a sua molestia literaria para V. trazer—e o que é peor que tudo!...—aos outros, gerações inteiras...

— Sim, mas de artistas, de creadores da excelsa belleza... A minha formosa ilha, desde o tempo em que a misanthropia do Dr. Gama Rosa deu ao Brasil uma fornada de letrados (a phrase é sua, admiravelmente chronista!), estacionou pastosamente, ou, cousa peor, abraçou com delirio as cousas da politica-gem, esquecendo-se de imitar o Cruz e Sousa, o Virgilio Varzea, o Araujo Figueiredo. Aos nove annos, em Santa Catharina, longe das suggestões daquelles tres e dos seus companheiros, Santos Lostada e Horacio de Carvalho, qualquer pimpoiho, até os dias que passam, (phenomeno social decorrente da larga autonomia que nos trouxe o 89), sabe quantos votos teve o candidato «X», o candidato «A», exercita, com frenesi, a bajulação ao governo, ou grita, nas ruas, seguindo a demagogia, phrases feias e revolucionárias, contra os servidores do Estado... As letras ficavam abandonadas, lendo os rapazes, que mal sabiam o caminho da escola, os romances deslavados de Eserich, com desmaios e prantos

de hysteria. E, desgraçadamente, appareciam, então, versalhadas ridiculas, casimirianas, chorando as «desfeitas» das namoradas, em decasyllabos quebrados. Não se estudava. Os livros do romantismo passavam de mão em mão e o lyrisimo lamécha, consequente fatal da imitação que se dava absorventemente, empolgava toda uma época, em que se perdiam lindas vocações...

— Mas como se explica esse facto, se a gente que representa a cultura de arte em sua provincia é anterior ao tempo que V. me descreve? Dá-se apezas um caso de psychologia ou os factores são de ordem social, puramente?

— Consequencia exclusiva da anarchia administrativa, por effeito de varias convulsões politicas e muito principalmente a revolta de 93, que deixou o Estado perdido por muitos annos. Sómente depois de haver passado no governo, aliás pela segunda vez, o Dr. Lauro Müller, é que nos podemos regosijar com a melhoria e seguinte solidificação economica. Os seus successores, com especialidade o coronel Richard, trataram do progresso material, desenvolvendo, conjunctos com a iniciativa particular, esforços felicissimos, de que resultou a grande e bella actividade, que se nota hoje, nos principais centros de vida. Entretanto, ao coronel Vidal Ramos é que se deve o resurgimento do gosto esthetico, pelos novos processos de ensino, introduzido nos cursos elementares pelos jesuitas, chamados a Florianopolis pelo seu governo.

—Mas... os jesuitas ensinando aos rapazes a amar o Flaubert, os Goncourt, o Oscar Wilde, o Eça...

—Não pilherie. Foram elles sim, os jesuitas. Com sévros estudos de português, francês, inglês e allemão, os seus alumnos começaram a ler (é natural que a principio sem methodo, sem predilecções racionais) os livros de literatura dos autores de toda a ordem. Creio até que conhecera, antes de Balzac e de Manpassout, o abba de Lammensis, mas, nos proprios escriptores catholicos elles encontraram o caminho para a redempção artistica, convivendo com Huysmans, que é soberbo em *La Bas*, *En route* e *La Cathédrale*.

—Não me repito V., o que eu sei... Continue, sem largas erudições. V. é curioso... Estou a gostar do que me diz...

—Ouça mesmo, joven mestre, que valerá a pena V. conduzir a gente talentosa, que surgiu daquelle revolução intellectual, ainda não percebida em todas as linhas por muitos, mas existente, palpitante, enorme, para os que desejam exercer com coragem... E, cada vez, entraremos melhor aparelhados nas cousas de arte e de sciencia, visto que, já agora, o mesmo politico, que voltou a presidir o Estado, entrou com desodo a reformar a instrucção primaria, com o concurso incomparavel dos professores paulistas, que lá estão, dirigidos pelo criterio do Sr. Orestes Guimarães, já uma outra occasião chamado allí pelo illustre Dr. Abdou Baptista. Só assim chegaremos a salvar a intelligentissima população daquellas paragens, attenuando um pouco o *allemanismo* do norte, que, se não é o *deutsch sefarh* (o perigo allemão em que ninguém crê), em todo o caso é o isolamento, a separação, dentro do Estado, de duas forças, de duas contingentes admiraveis do nosso povo, a que eu chamarei os sonhadores do Sul e os trabalhadores do Norte...

—Mas é certo que os allemães dominam em todos os cantos, e que o sua lingua é falada a qualquer proposito?

—Sem querer desviar-me do meu intento de recomendar-lhe os novos literatos catharinenses, digo-lhe, meu amigo, muito de passagem, que só ha elemento «allemánizado» na parte norte do Estado. Na capital,

não obstante as baboseiras, que se editam de quando em vez, affirmando o contrario, elles não existem senão em pequeno numero. Nas outras colonias, pequenas e cercadas do caboclo, elles hoje em dia algaraviam um dialecto original, creado aqui, com alternativas de pessimo allemão e egual português. O norte, porém, onde o progresso é intensissimo, deixando uma impressão estupenda, é completamente delias, e, de uns com mil habitantes dalli, apenas uns dez mil saberão sandá-lo, se por tais logares vizjar, com palavras cá de casa. Elles, porém, praiecos é excellentes amigos nossos, chamam contra tal curso de cousas. E, desde que V. me leva para tal assumpto, saiba então que os italianos, no sul, em Urussanga, têm uma municipalidade, que dá um terço da sua renda ás escolas já subvencionadas e fiscalizadas pelo governo de S. M. Vittorio III, e onde não se en sina uma palavra de português...

—Isto é um escandalo, é...

Interrompi-o. Estava disposto a installar no Rio, sob a protecção delle, que faz tudo com bondade, com abnegação e talento, em pródos que têm valor legitimo, a geração que vem cantando, com brilhantissimo espirito, as virtudes estheticas, hoje resurgidas na terra dos luars maravilhosos e dos poentes perturbadores. Eu já levára até á sua alma o nome de José Collaço, que elle carinhosamente acolheu e estimula com publicações continuas e bem destacadas. Com muito menos tempo de convivencia com o Rio, mas tão aproveitavel e tão distincto quanto Collaço, encontrei aqui Romea Ulysséa, que, modestissimo e duma timidez incompativel com o meio, mal se deixa ver no canto de uma redacção de generosos talentos, qual a da *Noticia*, e orde, se quisesse tentá-lo, depararia esteos valorosos e leais. Já que o não tem feito,—e receio, jamais diligencie por isto—eu o inclino entre os a quem «João do Rio» ha de levar consigo.

Deixemos o «allemanismo»... (continuei). Sobre tal assumpto, já publiquei alguma cousa, ha tres annos, no *Correio da Manhã*, que os allemães transcreveram, em Berlim. Melhor aparelhado hoje, darei á nossa *Gazeta*, opportunamente, algumas notas.

O meu admiravel amigo sorriu. —Pois muito bem: aqui tem V. cinco nomes. Guardae-os com ternura... Altino Fiôres, Othon Gama, Laercio Caldeira, Barreiros Filho e Thomás Fontes...

—Sonóres...

—Evidentemente, Altino é o mais completo, pela educação esthetica, tem muita originalidade e uma ousadia de phrases encantadora. Aos dezesseis ou dezeseite annos, numa chronica de uma revistazinha que elles mantinham, elle teve esta imagem duma bizzaria sciintillante, em que eu desvendei a certeza do artista: «a illusão é uma lesma de ouro...»

—Interessante...

—Othon Gama ou Othon d'Eça (Othon da Gama Lobo d'Eça)... Esta V. a sentir nobreza no rapaz, pois não é?... E, de facto, E' sobrinho do desventurado marechal barão do Batwy. Veiu para aqui estudar direito. E' joven e curioso, em tudo que faz. Muita imaginação, alguma loucura, uma physionomia soberbamente exquisita...

Diabo!

—Laercio Caldeira, em cujos escriptos havia muito da V. e de Lorrain, repentinamente mudou de rumo e lá está, no Desterro, a encher a sua alma de mysticismo puro...

João do Rio achou graça.

—Mas que demonio lhe mudaria o espirito...

—A Biblia, dentro e fóra das páginas de tentações diabolicas...

Elle ainda riu desta vez.

—Mas acabemos. As biographias são curtas, porém... a hora, o jornal, a cacetração de um trabalho medonho espera-me...

—Barreiros é um grande apaixonado do classico... Thomás Fontes «encellubou-se» no Seminario de Porto Alegre... Apertei-lhe as mãos e ainda falei um instante. Esses rapazes todos passam a vida a folhear os melhores livros. Lêm o *Also Sprech* Zarathustra no original; manuseam Shakespeare, Anacreonte, Catullo, Theocrito, Duete, Virgilio e Isaias... Adoram Maeterlück, Meredith e D'Annunzio... Interpretam Ibsen, Tolstoi... Não se chamam uns aos outros genios e... gostam intensamente de V., pelos triumphos que o têm cercado...

Valeu?...

—V. e tremendo!

# Fulvio Aducci

Assignado por cinquenta-e-oito pessoas, representantes de todas as classes sociais (homens-de-letras, jornalistas, professores, medicos, advogados, engenheiros, funcionarios publicos federais e estaduais, negociantes, empregados do commercio, etc. etc.), foi distribuido na semana passada um vibrante manifesto lançando o nome do sr Fulvio Aducci á deputação federal, pela minoria.

E' um manifesto decisivo, claro e expressivo qual convinha ao nome de Fulvio Aducci, que, sem contestação possivel, pela sua probidade, sua intelligencia, seu amor ao trabalho e sua dedicação aos altos interesses da terra catharineta está destinado a ser, na Camara Federal, ao lado de Adolpho Konder, Ferreira Lima e Celso Bayma, um eficiente propugnador dos progressos do Estado.

Illustrado e democrata, pondo na actividade da vida publica todos os enthusiasmos e energias da sua mocidade operosa, Fulvio Aducci na Camara Federal, saberá defender os interesses de Santa Catharina com alta visão e sem desfalecimentos.

Eis o brilhante manifesto eleitoral:

## AO POVO CATHARINENSE

O nobre Governador de Santa Catharina, Dr. Hercilio Luz, cuja administração fecunda se pauta por actos de energia parallelos a atitudes cavalheirescas de democrata que veio do Povo, vive com o povo e com o Povo viverá—pois esta em dias a renovação governamental declara-se plenamente disposto a respeitar o *direito da minoria* nas eleições para deputados federaes, a realizarem-se em Fevereiro proximo-futuro.

Ora, outro não poderá ser o procedimento do Partido a cuja frente se acha o sr. dr. Hercilio, eleito do Povo, pelo Povo e para o Povo.

Levado ao Poder por um genuino movimento democratico, é claro que nesse grande homem, que é o dr. Hercilio Luz, não imperam sinão as sanas ideias e os optimos principios do respeito á vontade popular soberana. E, quando na memoravel campanha de 918, a gente catharineta ergueu alto e imponente o nome-bandeira de Hercilio Luz, outro nome appareceu ao lado deste, o do dr. Fulvio Aducci, a quem na chapa popular se dava a nobre honra de companheiro do querido Governador actual. O grito que se ouvia nas praças sonorizadas pelo enthusiasmo de um povo coheso, era Hercilio Luz - Fulvio Aducci! concretizando ambas as aspirações populares. Mas a victoria da Democracia não se realizou na inteirez absoluta daquellas aspirações: Hercilio Luz subiu realmente ao Poder, não lhe tendo dado entretanto a Politica a satisfação completa que correspondia aos ardentes desejos da gente bafriga-verde.

Tal victoria democrata se obterá directamente, sem o caminho da vice governadoria, no quadriennio de 1922 a 1926, em que Hercilio Luz será incontestavelmente o eleito, sem competidor, deste nosso Povo!

E' que chegou para Santa Catharina o periodo aureo das victorias democraticas.

Tudo se melhora, tudo se faz verdadeiro e legitimo. O merito real se respeita e prevalece.

Povo Catharinense!

Si a epoca é de justiça e si a justiça realiza cada dia novas conquistas, bem é que o nome de Fulvio Aducci seja lançado com toda a confiança para occupar lugar de representante do nosso Estado na Camara Federal.

Fulvio Aducci não é um «medalhão»: é homem de character, trabalhador constante, sincero democrata e tão desinteressado que não se prevaleceu da sua influente posição de Secre-

# A projectada viagem do sr. presidente da Republica á Argentina

O jornal «La Razón», de Buenos Aires, publica um artigo com o título *Proverbial gentileza. Uma visita do presidente Pessoa á Republica Argentina*, di- zendo o seguinte:

«O Sr. presidente da Republica do Brasil convidou para uma recepção privada os excursionistas argentinos que fizeram por terra uma viagem á capital fluminense.

Nessa occasião falou-se, segun- do informação telegraphica, da estreita amizade entre os dois países e da possibilidade pratica de os unir, mediante uma combinação de linhas de estradas de ferro e trens entre Buenos Aires e o Brasil.

O Dr. Epitácio Pessoa terminou a conversação manifestando o seu proposito de visitar a Republica

Argentina no proximo anno, usando esse meio de comunicação, isto é, fazendo a viagem por terra, como o acabam de fazer os excursionistas.

Basta isso para recordar a maneira como recebemos o presidente Campos Salles, durante o ultimo governo do general Roca, e para que nos promettemos cumprir em toda a amplitude e sinceridade os deveres da hospitalidade.

Porém, compraz-nos fazer constar que foi o presidente Pessoa quem por um movimento de espontanea sympathia para com o nosso país, offerecem uma recepção particular aos excursionistas, que não levavam missão official alguma e realizavam um simples acto

de turismo, encantado, pelas terras luxuriosas do país amigo.

Esta gentileza do primeiro magistrado brasileiro obriga a cortesia argentina, visto ter sido excepcional e fóra do protocollo aquella recepção.

O presidente da grande e forte Republica vizinha quis estreitar nas suas mãos do grupo de argentinos, destacados para enviar ao nosso país as suas saudações e a promessa de uma visita amavel.

O sympathico gesto mostra claramente o espirito democratico do illustre presidente e o seu desejo ha de vincular-se ainda mais, pessoalmente, ao nosso país, além do que já conseguiu com esta simples demonstração de affecto internacional, que agora acaba de realizar.»

tario Geral do Governo Schmid, sinão para exercer modestamente o seu cargo, de onde regressou, desprendido de ambições, á sua liberal profissão de advogado. Fulvio Aducci é, portanto, um nome que nesta hora de reivindicações politicas, não pode nem deve ser olvidado. Ao contrario! Cumpre que todos quantos procuram conservar as conquistas democraticas da reacção que pôs o sr. dr. Hercilio Luz na curul governamental, prestigiem e suffraguem o nome daquelle patricio nas proximas eleições a deputado federal.

Fulvio Aducci disputará a *minoría* democraticamente respeitada pelo Partido Republicano Catharinense e seu Chefe Supremo, cabendo ao brioso eleitorado catharinense não deixar de eleger o illustrado candidato, que ora apresentamos, certos da sua acceitação, pois o caracter illibado de Fulvio Aducci, o seu espirito civico, a sua cultura, é, sem contestação, a de um conterraneo que saberá na Camara Federal, defender os interesses e dignificar o nome do nosso querido Estado.

## Às urnas! Votar em Fulvio Aducci!

Colombo E. Sabino, Paschoal Simone, Altino Flores, Antonio Mancio da Costa, Cid Campos, Cantalicio Araujo Roslindo Quirino Bento, Lino Soncini, Francisco Barreiros Filho, Waldemiro Léon Salles, Pompilio Pereira Bento, Jacy Tolentino de Souza, Alcydes Tolentino, Ary Tolentino, Raul Simone, Rodolpho Manoel Vieira, Joaquim Torres, Euzébio Pires Machado, Ivo de Aquino Fonseca, Aristoteles Piracuruca, Alvaro Soares Ventura, Odilon Grijó, Carlos Corrêa, Deoecleciano Regis, Henrique Brüggeman, Nelson de Almeida Coelho, Ricardo O'Donell, Laercio Viegas, João Tolentino Junior, Eloy Pierre, Irineu Livramento, Cassio da Luz Abreu, Nagib Nicolau Nahas, Altamiro Guimarães, Pompilio Luz Filho, Racine Leite, José Gil, Mario C. da Silva, João Ferreira da Cunha, José do Valle Pereira, Donato Pereira, José Diniz, Amphiloquio de Carvalho Gonçalves, Domiense Lopes da Silva, Nelson Lima, Oswaldo Léon Salles, Augusto Livramento, Calistrao F. da Cunha, Demetrio Garofallis, João Lima, João Goulart Junior, Alberto Barbosa, Francisco P. dos Santos, Algemiro Guimarães, Nicolau dos Santos, Rubens Serra Martins, Florencio Costa e Antonio Fleury Barbosa.

# Proezas de Lorde Biron

## I

Quando Lorde Biron foi expulso de Curitiba, por ter, com os artigos viperinos do *Bisturi*, provocado o suicídio duma mocinha cuja honra era posta em jôgo, homiziou-se em Paranaaguá, e, coagido pela mais dura necessidade, foi tomado como *rodeiro* dum jornalzinho *chuê*. Ganhava 500 rs. por dia, ou sejam 15\$000 por mês.

Orá, 15\$000 não representam nada para um nobre; por isso lorde resolveu desenvolver a sua acção de polvo em outros meios. Foi então que, tomando uma passagem de 3<sup>a</sup> no *Max*, veio dar com a sua *pose* de perú tufado nesta verde e florida Ilha dos Patos.

Em Florianópolis, a princípio, a sua figura rotunda não attrahiu muito a attenção do povo, que apenas via em lorde Biron um macambuzio moço-de-recados, dada a sua cara lorpa e o seu terno azul-marinho bastante cotiado e já com fuodilhos supplementares.

Mas lorde Biron, com um faro de cão-gôso, sentiu logo que a terra não era difficil de ser explorada... Uma ideia (coisa incrível nelle!) coriscou-lhe no bestunto: *Botá um jornal!!!*

Um jornal! Guttenberg! Si souberes que a tua invenção iria ser usada pelos lordes Biron de deste desgraçado valle-de-lágrimas, com certeza terias atirado ao Rheno o teu prelo e os teus caixotins!

E o lorde começou a bater á porta de todas as nossas casas impressoras, em busca de quem lhe fizesse o *jorná*.

Uma dellas foi a typographia do sr. E. S.

—Boa tarde, sr. E. S.

—Boa tarde, lorde. Que o traz por aqui?

—Um plano.

—Não é de espantar!

—Sim, quero publicar um *jorná*.

—E então?

—Desejava saber por quanto me imprimiria quinhentos exemplares, etc.

—Duzentos milréis.

—Não é barato...

—Mas, também, não é caro...

—E o sr garante a perfeição do trabalho material?

—E o lorde garante a perfeição da parte intellectual?

—Porque não? Não sou, porventura, um jornalista superior? O meu nome é conhecido em todo o Paraná, como chronista subtil, polemista intemorato, poeta delicado e resistente *rodeiro*...

—Ah!

—E aqui? Aqui não vejo nin-

guem que enxergue dois dedos adiante do nariz. São uma cambada de burros. Os jornais parecem cataplasmas, os leitores morrem de estupidez e de tédio. E' preciso modificar, reformar, agitar, despertar, avigorar tudo e todos! Luz, meu caro senhor, luz a jorros é o de que essa gente necessita. E essa luz, só lh'a poderá dar o meu *jorná*.

Então, abrindo a porta e apontando para a rua, o sr. E. S. gritou ao focinho achatado de lorde Biron:

—Ponha-se fóra daqui, patife! Rua, lorde de meia-cara! Vossê pensa que a imprensa catharinense é potreiro?

Lorde Biron, fulminado, virou os pés por cima da cabeça e cahiu immovel na sarjeta.

DETECTIVE

## Inspiração

Só tu, tu só me vens, ditosa imagem,  
Como um raio de sol ao meu retiro  
E, calmando a nevrose em que deliro,  
Enches todo o vazio da êrma paisagem.

Vive-se ao teu prestigio!... Alto, desfiro  
O vôo... Asas me tocam de passagem!...  
Sonho!... E's tu, minha luz, toda a viagem  
Has de ser o meu Bem, se te prefiro...

Musica é a tua voz, que a Dôr minora,  
Todo esse encanto exul que anda contigo  
E ameniza a feição de quanto existe.

Tens nas veias, do Pindo, a agua sonora,  
Que marulha em minh'alma—veio antigo,  
Inspiração,—na quadra menos triste.

João Crespo

# Figuras da t ela e do palco



OS ARTISTAS JOUB E E SEVERIN MARS. NO "FILM" J'ACCUSE, PRODU  O FRANCESA CONTEMPORANEA

## THEATRO

No theatro Alvaro de Carvalho, at e a semana finda, esteve trabalhando a modesta, mas graciosa *troupe* Rossi, que, composta do ilusionista Rossi, canconetista Rosita e bailarina Pepita, nos deu alguns ser es leves e encantadores.

Nos seus passos de escamotea o e trucs de ilusionismo, Rossi realizou verdadeiras maravilhas, algumas j  conhecidas e outras de todo em todo novas e de sua cria o.

Rosita, a canconetista, n o tinha l  uma voz muito n tida e se-

gura, mas p de-se afirmar, tanto quanto nos lembramos, que no *Alvaro de Carvalho* ainda n o pisou outra que maior vida emprestasse *  la cancion espanola*. Na *Cocaina*, sobretudo, a express o angustiada da sua voz, os rictus physionomicos e as contraec es nervoticas do corpo, suggeriam em flagrante realismo uma dessas desgraçadas victimas do arteiro e pavoroso veneno.

Pepita n o   uma bailarina classica, no sentido artistico da pala-

vra, isto  , n o tem a educa o subtil dos aereos bailados gregos, cuja docura nos faz evocar lentas e harmoniosas chor as   sombra violacea dos velhos loureiros da Hellade. Mas baila com vivacidade e encanto aos compassos da musica moderna, *cabareti re*.

Na dan a serpentina, com projec es luminosas, dava-nos a impress o duma phantastica e colossal borboleta, adejando entontecida entre as sete-c res do arco-ir s.



## O DOMINGO



INSTANTANEOS

## Indiscrições

O homem que muito fala, raramente acerta. Isso é um anexim que saltava logo da bocca de minha avô, sempre que ouvia um tagarella dar á lingua por qualquer nuharia.

E por ser uma grande verdade nem por isso me serviu a mim de lição, tanto que fui e confesso, ainda sou um parlador capaz de embasbacar uma assembléa quando principio com os meus terriveis e prolongados *factos*, que os sei bem de cór e que, por serem muito meus, são sempre novos e ineditos!

Mas ha dias, ah! que terrivel decepção soffri...

Tamalha foi ella que ainda agora, ao contar, sinto-me tomado de uma grande vergonha; mas, enfim, cedendo ás instancias do meu fraco, não posso calar o tal caso e passo em seguida a relatar.

Foi assim: Passeavamos eu e um amigo pela cidade, sem destino, á toa.

Já haviamos falado de tudo: desde os insuccessos dos aviadores brasileiros, aos candidatos que surgem para as proximas eleições.

Depois de termos proferido *abalizadas sentenças* sobre o modo

mais pratico de se votar no Brasil, *legislando sabiamente* sobre o assumpto, o grande cabedal dos nossos conhecimentos na materia esgotou-se!

O que fazer? Calámo-nos e entregues á vontade das pernas, continuámos a andar...

Em direcção contrária vinha uma senhorinha.

Passou por nós e cumprimentou.

— Conheces? perguntei com um sorriso maldoso.

— Sim.

— Contam dessa moça coisas bem terriveis...

Disse e esperei que o meu amigo interrogasse; porém, como se conservasse calado, continuei:

— Por exemplo, dizem que é má filha...

— E'?

— E', sim; que desobedece aos paes, que responde malcriadamente aos seus justos conselhos...

— Sim?

— E não é tudo; já me disseram, affirmaram mesmo, que ella chegou até avançar para a mãe, num impeto de colera... Olha, ha dias,

encontrei a com o namorado; iam os dois conversando e eu ouvi que ella disse: «por causa daquella tarasca não deixes de passar lá por casa» — Ora, a tarasca é certamente a mãe! Uma *typa*; namora a torto e a direito...

O meu amigo conservava-se mudo.

— Mas tu não sabias?

— Não...

— Logo vi; mas, ao menos, isso tudo que eu conto não faz com que aborreas essa rapariga?

— E' difficil aborrecê-la assim...

— Como! Uma vassoura, má filha, rapariga de bailes, de escandalo...

— Escandalo?

— Sim, de escandalos até, mais de um já tem ella dado, todo o mundo sabe disso...

— Menos eu...

— Menos tu?

— Sim, e tinha razão para saber si foz-e verdade!

— Não te comprehendo.

— Vais comprehender: aquella moça chama-se Luisa e é minha cunhada...

O resto é facil de entender...

F. R.

Collaboração  
esponânea

# A TERNURA

\*\*\*\*\*

A excelstude do amor gera na alma dos homens essa doçura celeste, expressa na minha epigraphie acima.

Pela sua infinita delicadeza, esse sentimento amollece e desfibra o coração, origem de um cansaço precoce que se apodera de todas as energias combativas. Razão por que os homens ternos são refractarios á luta. Na sua ternura vão se isolando até se identificarem com o deserto arido dos abandonados, onde adquirem aquella sensibilidade affectiva dos que soffrem em silencio, sem lagrimas e sem queixumes, porque as perseguições da vida lhes ensinaram que os homens entupiram os ouvidos para se ensurdecem diante dos suspiros e dos lamentos.

Circunscriptos na angústia espiritual de um destino cruel, sonham com o aniquilamento e a morte, porque lhes parece que só se aniquilando a si mesmos, conseguirão abater o seu mysterioso carrasco.

O vulgo, não alcançando o porquê de seu abatimento, chama-os de negligentes e de vencidos: e elles com isso mais soffrem, mais se abatem e definham.

Á proporção que cáem moralmente, augmenta a ternura de seus corações porque augmenta a sêde de justiça.

E' bem melhor ignorarmos essas coisas para não soffrermos com elles..

Quantas vezes um individuo engraçado, alegre, palrador, nos mostra no semblante um infinito de dôres, onde nos afogamos com soluços e com agonias. E' uma alma que busca o aniquilamento porque perdeu sonhos e anhelos.

Sentimos perfeitamente no brilho de seus olhos o pranto secreto de um ente sem esperanças, e na synthese do semblante a revolta absoluta do espirito, entregando-se estoicamente ao cultivo do suicidio moral. E ahi temos, então, um dos mais bellos

quadros da psychologia do homem.

A alma que chora entre soluços como criança abandonada a quem faltara o carinho materno, e o espirito, a justiça austera, cega, surda, inexhoravel, condenando e cancellando sonhos, esperanças e aspirações.

Seu coração tornou-se campo esteril e arrazado onde nada cresce e nada vive; e se por aca-o lhe plantamos occultamente o mais pequeno galhinho onde possam florescer esperanças, immediatamente a razão, no calor da revolta, o queima e calcina, porque sabe que as esperanças são flôres que precedem aos fructos dos desenganos.

O que é tenro tem pavor do que é rude; por isso os homens ternos fogem dos desenganos; e os seus semblantes são consternados porque reconheceram com tristeza que, para fugir dos desenganos, é quase necessario fugir da propria existencia.

Olhando-os, ás vezes os comparo a um floricultor antigo, apaixonado e artista, que enlouquecera porque a saraiva lhe arrazára os canteiros, sôbre as quais elle anda agora, com a tesoura da morte, espreitando onde desabroche uma cravina, onde se esconda uma violeta, onde penda um lirio para cortar, para picar, revelando nas contracções do semblante, o terror extremo de desgostos futuros.

E se lhe perguntamos porque corta e macera as flores de sua alma, tão delicadas e mimosas como sonhos de crianças, elle nos olha esboçando nos labios de desvairado, um sorriso desconhecido que nos suggere a lembrança da morte.

A Negligencia e a incuria formando no alto mundo social o caminho mais curto para se atingir o estado obscuro e humilde do esquecimento de todos, são muitas vezes buscadas pelos

homens ternos, porque lhes parece que o esquecimento é o irmão gêmeo da morte.

Elles odeiam o esforço porque em seu intimo se manifestou a verdade, e a verdade só vem de Deus que a envia aos homens ciosamente occulta no fundo dos desenganos.

Por isso, ó leitor: acata com circunspecção e respeito a todos aquelles que fracassaram na vida, porque elles, embora vencidos e mesquinhos aos olhos do mundo, possuem o thesouro transcendente das almas que é a linguagem de Deus ensinando aos homens o caminho da espiritualidade. E se conheces os segredos psychicos, procura com criterio, em occasião opportuna, abalar-lhes o intimo, que elles te inundarão num diluvio de belezas espirituais, ensinando-te a prudencia, qua é a maior riqueza do homem.

E aqui fica a psychologia dos que desanimaram na vida, como um tributo de minh'alma aos que em vida já morreram na dor.

Arthur Galetti

## UMA CARTA DE PAULO SETUBAL

Do maravilhoso poeta que é Paulo Setubal, o autor da *Alma Cabocla*, recebemos esta honrosa cartinha:

«A' Redacção da TERRA, que, com tanta bondade e honra para mim, teve a gentileza de me homenagear tão amavelmente, aqui trago os meus mais sinceros agradecimentos. Envaideceram-me immerso aquellas confortantes palavras do sympathico organ, a cuja frente, como seguro penhor de triumpho e maior orgulho meu, estão os nomes de Ivo d'Aquino, estylista da mais aprimorada graça e chistoso *humour*. Altino Flores, esse incisivo, esse choeante, esse já inconfundivel vernaculista, e Othon d'Eça, alma de verdadeiro poeta, creador das *Cantigas Ilhoas*, tão fluentes e muzicalizadas, de tão fino e delicioso sabor lusitano. Muito obrigado, meus amigos. Paulo Setubal».

# De palanque

Os homens de imprensa, pelas circumstancias melindrosas em que o proprio officio os colloca, já pela franqueza, já pela violencia de linguagem, já pelo abalo occasionado com a repercussão das suas opiniões, et. etc., estão, de vez em quando, envolvidos em polemicas crudelissimas ou em escaramuças que não duram mais do que as classicas rosas de Malherbe.

O caso em que agora andam enredados Othon d'Eça e Amphiloquio Gonçalves é bem um paradigma do que acima disse.

Othon d'Eça, pelas columnas desta revista de que é um dos directores, esboçou mui de corrida uma opinião, inteiramente pessoal e ligeira, — sobre a poesia em Santa Catharina. Foi ás do cabo de classificação de valores não tratou: fez apenas duas excepções. Em uma nota escripta sobre o joelho, acerca de um assumpto melindroso, pôte se ser leviano; mas, injusto, não ..

Em resposta a essa nota, a gazetilha hebdomadaria commercialmente dirigida pela figura immensa e óca de um apeleto, disse qualquer coisa, de que já me não recordo, em defesa dos poetas e poetisas que Othon d'Eça tivera a infelicidade de não considerar consagrados. Isso, porém, sem assignatura, ou sob pseudonymo.

Othon d'Eça, pelo *Estado*, explicou-se como melhor entendeu, e, segundo é do seu feitio, salpicou de ironia a explicação. Por baixo — a sua assignatura

Foi quando Amphiloquio Gonçalves, irritado pelas expressões usadas por Othon d'Eça, — que aliás não individualizara o seu atrazoado com a publicação de nomes, — se voltou contra elle, o agarrou graphica e metaphoricamente «pela orelha» e o entregou ao tresloucado julgamento

da «Opinião Pública», como se faz a um criminoso vulgar ou a um gato morto. Além disso, tachou-o, sem rodeios, de ignorante em materia de vernaculismo, pois que cuegara a perpetrar algumas cacogr. phias e a empregar certos termos desconhecidos pelo *Diccionario* de Candido de Figueiredo (\*) M. s., o que é interessante é que, justamente no periodo onde appellava para a autoridade do philologo lusitano, Amphiloquio Gonçalves committia imperdoavel sollecismo. Dizia elle: «Othon d'Eça, escreve, varios termos que até o douto Candido de Figueiredo desejaria conhecer a significação.»

Ademais, grapha *poetisa*, com z, o que não tem justificação possível, — e accentua, tambem injustamente, o o do termo *agressor*.

Delicadissimo é esse polemizar no terreno da grammatica. Tem-se de andar ás apalpadelas, meticulosamente, como quem lida com objectos de crys'al. Do contrario, adeus! perde-se a vaza e o adversario nos tosa a mais não querer.

Não nos desviemos, porém.

Replicando a esse artigo directamente lançado contra a sua pessoa, Othon d'Eça publicou *Uma carta e um conselho*, obra prima de sarcasmo, que, pela brilhante violencia, lembra certas páginas de Fialho [d'Almeida]. E', além disso, escripta com absoluta correcção grammatical e syntactica, com periodos cheios e harmoniosos, — o que nos demonstra duas coisas: primeiro, que Othon d'Eça, do *Cinza e Bruma* para cá, tem evolvido

(\*) Amphiloquio Gonçalves escreve sempre «Brasil» com z. Candido de Figueiredo, isto é, o mesmo mestre por elle invocado para esmagar Othon d'Eça, impugna essa graphia como «incorrecta». Si o dictionarista português é autoridade num caso, porque o não será em outro?

sobremaneira em precisão de linguagem; segundo, que as ligeiras deficiencias orthographicas, notadas por Amphiloquio Gonçalves no primeiro artigo delle pelo *Estado*, só se podem attribuir a uma unica e atabalhoada revisão, feita apenas na página, no instante em que tem de ser metida na máchina. (Pois, t l, de facto, aconteceu: revisão de última hora!).

Em summa: o peccado unico dessa *carta* é er alludido ao defeito physico de Amphiloquio Gonçalves.

Tambem es e não criticou o caracter de Othon d'Eça, pondo-lhe em dúvida a inteireza? não é isso, acaso, allusão a defeitos morais? E defeitos por defeitos, tanto são feios os morais como os physicos.

Eis ahí o que me disse um pessimista. Talvez não tenha razão!

A *Carta* de Othon d'Eça, entregue á redacção do *Estado*, foi publicada 2<sup>a</sup>-feira, 8 do fluente, isto é, no dia seguinte ao da partida do autor para o Rio.

Ausente Othon d'Eça, estaria terminada a questão? Qual!

A 11, pelo mesmo jornal, torna Amphiloquio Gonçalves á liça. No primeiro artigo, agarra, em letra de fôrma, a orelha de Othon d'Eça; no último, chama-o de «boçal, perverso e covarde» e affrontosamente promete sová-lo «a chicote»...

Essas atitudes e essas ameaças só podem ser mantidas e cumpridas por um individuo robusto e no uso pleno de todos os seus órgãos, membros e appendices. Ora, o sr. Amphiloquio Gonçalves — digo isto sem o menor intuito de o vexar, — além de ser physicamente mais fraco do que Othon d'Eça, carece do braço esquerdo. Logo, a sua

## Uma carta e um conselho

Meu caro Amphiloquio de Carvalho Gonçalves.

Deixando, um instante, o pincel e o vidro de gomme arabica, nesta confusa vespera de partida, respondendo ao artigalho em que vossê, entre as sobras da sua mangedeira, pôs grossas insolencias. Mas não é das insolencias. — mixto de capim triturado e de suja baba que vossê deixou escorrer da sua bocca, — que eu vou tratar nesta pequena carta. Não, meu caro Amphiloquio, isso me faria vomitar os bofes, o fígado, talvez os rins tambem...

Enquanto secca a tinta dos letreiros, numa folga que a falta de mata-borrão me proporciona, quero perguntar-lhe apenas uma coisa:

— Como poderia vossê segurar com a sua dextra uma das minhas orelhas, e escrever com a sinistra o seu artigo, si vossê, em materia de «mãos», só tem a direita?

E' assombroso! Vossê, por certo, se illudiu. Vossê escreveu com o pé, Amphiloquio.

E foi, de facto, com a pata, Fifi, que vossê me sujou de lama a gaspea dos botins. Aquillo é bem um coice, um coice magistral, caramba! Em coices, Gonçalves, vossê é cathedratico e deve ter diploma. Si ainda o não tem, ha de tê-lo, e é natural que o mereça em pergami-

ameaça, sobre ser forte, é perigosa para elle mesmo... Repito: o que ali fica não é, absolutamente, um vexame forgicado para amesquinhar a Amphiloquio Gonçalves mas uma observação feita por quem já está farto e refarto dessas usgas de imprensa.

O mesmo pessimista que emitira a azeda opinião acerca dos defeitos phisicos e morais, rousnou, ao terminar a leitura do *Boçal, perverso e covarde!* de Amphiloquio Gonçalves:

— Bolas! Ameaçar de chicote a um homem que está a cem milhas de distância, não é grande coragem...

inho, com redeas verdes e ferraduras doiradas, e o ponha num quadro, adormando com elle a parede do seu gabinete de patadas, onde se baloça um lindo freio de prata...

Não affecte espanto, não esteja para ali a bater a beijoia, revirando um olho modeso: «Isso é muito para mim; não mereço tanto!»

Vossê, Fifi, não é a primeira cavalgadura que trota na Historia e na Lenda. Assim n'ó cosina Cantu. Ha mais outras, umas cinco ou seis. Algumas têm mantos de purpura sobre o lombo, ou altas sellas de luxo; outras não carregam mantos patricios, nem supportam sellas de luxo, nem mesmo duras albardas, mas, como vossê, mostram nas ancas marcas illustres ou esses riscos que o chicote, ao passar, deixa no coiro.

Creio até, sinceramente, que vossê brilhará com mais originalidade ao lado de «Incitatus», «Ros-sinante» e «muitos outros bichos celebres», segundo a sua velha maneira de relinchar. E' que vossê é uma alimaria tão curiosa e phenomenal, como essa aranha que fala ou aquella gallinha que latia, zurrava e punha ovos pelo bico.

Não, meu caro Amphiloquio de Carvalho Gonçalves, vossê não sabe o valor da sua carcassa! Vossê ignora o oiro que o empaturra e lhe dá, por isso, tão alta valia. E ainda não reparou que, mesmo dando patadas, vossê alija, sem querer, um pouco desse excessivo oiro das

suas entranhas? Si tal não fôra, já uma apoplexia o teria arrebatado...

Accite um conselho de quem lhe não quer mal e seria incapaz de lhe partir a espinha ou de cavilgar no seu lombo, em plena praça Quinas, num domingo de retreta:

— Ponha todo esse oiro para fóra, ponha-o, por amor de «Bucephalo», seu collega historico! E, por ser o oleo-de-ricino o melhor desobstrutivo de empachamentos, tome della boa dose, Fifizinho, que ficará tão leve e tão vaporoso como aquella maravilhosa «equa de Antipas» — que trotava sobre lirios sem os macular.

Quando vossê ler esta carta, já estarei longe daqui. Mas, fique certo que iré comtigo, entre a bagagem do porão, a lembrança deste sabbado doirado em que o vi trotando em roda do jardim, com a crina ao vento, a cauda erguida num assomo de puro-sangue, mas lamentavelmente a manquejar sobre as suas tres patas e meia...

...A tinta dos letreiros já seccou.

Até breve, meu Amphiloquio de Carvalho Gonçalves — grande, de facto, na sabença e muito maior na perfidia.

Epolis, 6—XI—920.

Seu de sempre.

Othon d'Esca

## Asylo Irmão Joaquim

### NATAL DOS POBRES

O Asylo de Mendicidade Irmão Joaquim, que, nestá capital, presta desvelados serviços aos desprotegidos de sorte, recolhendo-os sob o seu amavel tecto, pensa fazer uma festinha de *Natal para os pobres*.

Louvabilissima é essa ideia. Fazendo côro com os demais co-

legas da capital, que já a applaudiram, daqui lançamos um apello aos corações caridosos, a fim de que auxiliando o humanitario estabelecimento, coopecem o mais possivel para o encanto consolador da festividade planeada pelo Asylo.

O sr. Jovino Costa, 1º secre-

## FRAGMENTOS DA HISTORIA DA MUSICA

## A ARTE DOS SONS NA CHINA

Para Demosthenes Segui

A maneira de assignalar os sons da escala musical ha variado em todas as épocas, desde as mais remotas até a presente.

A notação musical tem sido tratada por todos os povos que a tem empregado segundo a sua índole e civilização, e, diga-se tambem, de accordo com as exigencias da sua arte.

Na China, por exemplo, os sete sinais que na musica representam os sete sons da escala, são, em todo mundo, differentes de quaisquer outros.

A curiosa maneira por que os chins representam os sons musicas foi, como elles proprios dizem, inventada por Fou-hi, primeiro imperador da celeste potencia, que viveu muitissimos seculos antes de Christo.

A invenção de Fou-hi consta de sete signaes para designar as sete notas da escala a par de um outro

cujo objecto unico é indicar a successão das diversas oitavas.

A musica chinesa é pobre, extremamente pobre de combinações rhythmicas, motivo pelo qual não possui caracteres que determinem a duração dos sons.

É pelo espaço que as notas guardam entre si, e por um signal, a ellas annexo, que lhes serve para dobrar o valor, que se verifica a maior ou menor duração dos mesmos sons.

Usam tambem os subditos de Confucio mais cinco signaes que, na sua musica, servem para recomendar differentes coisas.

Assim é que se utilizam de tres quando querem que qualquer nota seja reproduzida uma, duas ou tres vezes.

Dos outros dois a utilidade consiste no seguinte: um serve para advertir que o som ou nota tenha um tremolo prolongado, e o outro

para indicar repouso ou final.

O que é mais interessante é que os chinses dispõem as notas de qualquer trecho musical em columnas afim de que sejam lidas de cima para baixo e da esquerda para a direita.

Seja como for, mas o que se não pode contestar é que a musica, essa encantadora e universal linguagem que, como as fôres, tem a dupla propriedade de alegrar e entristecer, mau grado a variedade por que tem passado a sua notação, o que se justifica, como já dissemos, pela índole e civilização dos povos que a tem cultivado, occupa, entre as demais artes, um lugar de real destaque, embora mal comprehendida e barateada por certos musicos e quejandos intrusos.

A. Souza

NOTA—Em o nosso artigo passado, primeira columna, setima linha, onde se lê—quero crer, lêa-se—queremos crer.

## APRECIANDO

Não podia ser mais significativo nem de mais effeito, o gesto desses moços que levantaram a candidatura do Sr. Fulvio Aducci á disputa da minoria na nossa representação federal.

Num governo que se caracteriza pelos seus principios democraticos, pela extrema vontade de estar com o povo, esse mesmo povo que o fez bandeira de combate, em tempos não muito afastados; que o prestígio, que o venera e que já agita com enthusiasmo a sua continuação

do referido estabelecimento pio, solicita nos a publicação do seguinte:

«A directoria deste estabelecimento», quando deliberou fazer o Natal dos Pobres, nunca teve em vista melindrar qual quer instituição philantropica desta capital, mas, sim commemorar o nascimento do grande Filho da Judéa. Para esse nobilitante objectivo o Asylo quer contar com o valioso apóio de todas as almas caridosas, indistinctamente, para que os seus asylados internos e externos ce-

por mais um periodo governamental, o que importa dizer, mais quatro annos de administração proficua, de paz, de progresso e de honra; num governo dessa ordem, que encarna a vontade popular e que faz do Sr. Dr. Hercilio Luz o seu maximo sacerdote, o seu idolo; o respeito á representação da minoria não será uma promessa vã, nem um simples gesto... Elle representa, desde já, a quase certeza de que ágora, como em 1918, a vontade do povo será uma realidade e a victória do seu candidato um facto!

É a eleição do Sr. Fulvio Aducci a uma cadeira da camara federal, representando a vontade do povo e prestigiada, como vem sendo, por lebremente candignamente esse venturoso dia. Com esta declaração continuamos a manter, estreitamente, os laços de sympathia que votamos a todas as associações que trabalham pelo bem da Humanidade Secretaria da Associação e Asylo de Mendicidade Irão Joaquim, em Florianopolis, 3 de Novembro de 1920. Jovino Costa, 1º secretario »

elementos de toda natureza e por essa pleiade de moços cheios de vontade e de patriotismo, ardentes de fé republicana e entusiastas da verdade e da ordem, além de mais uma conquista no terreno das aspirações populares, de mais uma victória na luta pela democracia, de que se fez o actual governo o expoente sem par, representará um preito verdadeiro de gratidão pública e de justiça a esse moço operoso e honesto que em quatro annos de administração publica só soube ser um trabalhador incansavel, possuido das melhores intenções de acertar e cuja maxima aspiração era a de bem servir o seu Estado, numa avidez de modestia, numa ansia de penumbra em que procurava apagar a sua propria personalidade...

E é dessa penumbra a que se votou, dessa modestia que o caracteriza, que vem de arranca-lo, cheia de gratidão, de ardor e de civismo, essa mocidade patriótica que, fazendo-se echo da vontade popular, brada aos quatro ventos da nossa terra:

Votemos em Fulvio Aducci!

J.

Dr. Edmundo Luz Pinto

Advogado

Rua do Rosario

n. 159

1º. ANDAR

RIO DE JANEIRO

Salão Sepitiba

Especialidade em córtes de cabelo á inglesa—Massagens vibratorias electricas

Grande stock de perfumarias nacionaes e estrangeiras. Extractos, loções, brilhantinas, crèmes, sabonetes, pó de arroz, etc. dos

melhores fabricantes francezes e ingleses

—Sortimento de objectos para toilette—

Gravatas e collarinhos da afamada marca «Hercilio Luz»

Rua Tiradentes n. 10

Constantino Garofallis & Cia.

*Commissões, Consignações e Conta Propria*

Endereço Telegraphico—GAROFALLIS

Codigos: A. B. C. 5ª Ed. melhorada, Ribeiro, Borges e particular

CAIXA POSTAL N. 6

FLORIANOPOLIS—SANTA CATHARINA

EXPORTAÇÃO DE:

Café, farinha de Mandioca, Arroz, Batatas, Banha, Feijão e outros productos do Estado

IMPORTAÇÃO DE:

Vinhos do Porto, Conservas, Xarque, Sol e Farinha de Trigo das acreditadas marcas Favorita, Crazeiro, Lili, Goldmedal, Surpresa, Claudia e Rio Branco

*Unicos depositarios n'esta Capital da afamada agua de mesa «Club Sôda», em todo o Estado da saborosa Cerveja «Mineira»*

Escriptorio commercial

Acceita e encarrega-se de qualquer cobrança commercial ou particular.

Encaminha acções civeis ou criminaes.

Prepara em 24 horas todos os papeis para casamentos em quaesquer dos casos previstos pelo Codigo Civil.

Faz todo e qualquer despacho de importação e exportação, despachos maritimos etc.

Encarrega-se de serviços em Repartições publicas, recebe vencimentos etc.

Faz distribuir encarrega-se de serviço de convites para festas, bailes, enterros, etc.

Todo e qualquer negocio deve ser tratado no Escriptorio das 9 ás 16 horas, na rua Visconde de Ouro Preto n. 1—onde está instalada a Redacção da "TERRA"

Dr. Alfredo da Luz

E

Dr. Gilberto Paranhos

— ADVOGADOS —

Escritórios em

FLORIANOPOLIS BLUMENAU

e

RIO DE JANEIRO

(Avenida Rio Branco n. 56)

1º ANDAR



Empresa Garcia

— 102 —

Fiação

Tecelagem

Fundição

Marcenaria

BLUMENAU

— S. Catharina —



Hering e Cia.

— Fiação e Tecelagem —

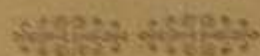
**FABRICA**

**de tecidos**

**de meia**

**Blumenau**

**Santa Catharina**



Gustavo Salinger & Cia.

— 103 —

Importação e Exportação

— 104 —

Productos

catharinenses

— 105 —

Artigos Extrangeiros

— 106 —

BLUMENAU — Santa Catharina

# Hyppolito Boiteux & Cia.

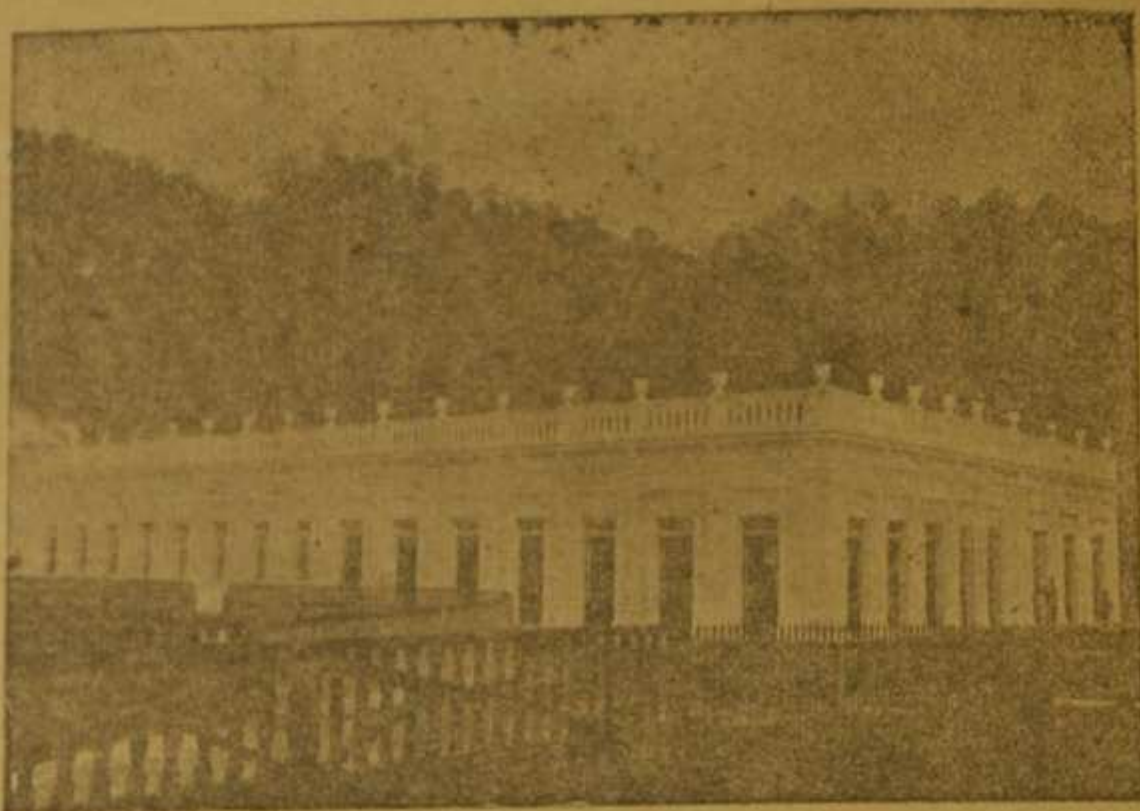
Completo sortimen-  
to de: fazendas,  
armazinho, ferru-  
gens, louças dro-  
gas, calçados,  
chapéus, papelaria,  
tinta, óleos  
seccos e molha-  
dos

Exportadores de  
madeiras, assucar,  
café, farinha de  
mandioca e es-  
tencos

Comissões e  
Consignações

Rua Coronel  
Henrique Boiteux

Rua Guarda  
Marinha Marti-  
nelli 2



Endereço Telegraphico: "BOITEUX"

## Nova Trento S. Catharina

### Officina photographica e de gravura

Acha-se funcionando, na *Republica*, a officina  
photographica e de photogravura

Attende-se ali a qualquer chamado e encomenda com toda a prestiza  
Especialidade em reportagens photographicas e clichés

# Preços modicos

## Cliché minimo 5\$000

Centimetro 100 réis



# EDUARDO HORN

SANTA CATHARINA—BRASIL

Matriz—Florianopolis  
Caixas Postaes 39 e 40

Filial Laguna  
Caixa Postal

Cods.: A B C 5ª. Ed., Ribeiro (Two in one), Borges, Partieulares.  
End. Electr.: *Trigo*

## COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

**Importação**—vinhos, sal, farinha de trigo, phosphoros, azeites, xarque, louças, ferragens, assucar, sardinhas, soda caustica, canella, papel, etc. etc.  
**Exportação**—farinha de mandioca, polvilho tapioca, arroz, assucar, feijão, banha, café, frutas verdes, couros seccos, cera d'abelhas, crina animal, etc., etc.

**AGENTES**—Pereira Carneiro & C. Ltd. (Companhia Comercio e Navegação), Gomes Ribeiro & Bastos, Empresa de Navegação L. Carsoglio & C.—(Moinhos Santa Lucia, Bahia Blanca, Pahuajó, Santa Cruz)—Walter & C. Material de toda especie para extincção de incendios—Machinas de desinfección «Clayton».

Agentes em todas as principaes cidades do mundo

## João Grumichè

Architecto constructor

*Encarrega-se de quaesquer  
construcções no Estado*

Escriptorio

Praia Comprida

**S. JOSE'**

# Hoepcke, Irmão & Cia.

SANTA CATHARINA

Endereço telegraphico:

**HOEPCKE**

Codigos

A B C 4 e 5 Ed.—Ribeiro  
Watkins.—Carlowitz

Matriz: Florianopolis

Filial: São Francisco

Correspondentes em Lages e na Laguna

*Importadores de:*

Fazendas e armario, Ferragens, Generos de estiva

## SECÇÃO DE MACHINAS

Representantes de:

General Electric Company, Schenactdei, N. Y.

Vacuum Oil Company, Rochester

The Studebaker Corporation of America

Companhia S K F do Brasil

Proprietarios:

da Fabrica de Pontas de Paris «Rita Maria»

da Fabrica de Renda e Bordados «Hoepcke»

da Fabrica de Arame Farpado e de Grampos para cerca

da Empresa Nacional de Navegação «Hoepcke»

do Esialeiro «Arataca»

da Fabrica de Gelo.